

Um tempo de bênçãos infinitas

Punyatithi de Bhagwan Nityananda

por Eesha Sardesai

Na minha introdução para agosto no caminho de Siddha Yoga, compartilhei que Gurumayi deu as práticas de meditação e *mantra japa* como foco para este mês. Podemos, portanto, estabelecer conexões entre esse foco e cada uma das celebrações de Siddha Yoga em agosto.

A primeira dessas celebrações é o Punyatithi de Bhagavan Nityananda. Pelo calendário solar, o Punyatithi de Bade Baba acontece em 8 de agosto, enquanto o *punyatithi* lunar é logo no dia seguinte, 9 de agosto. Como expliquei na introdução, o Punyatithi de Bade Baba é o aniversário de sua passagem — o dia, em 1961, em que ele deixou sua forma física e se fundiu com a Consciência suprema. No texto da escritura *Viveka-chudamani*, o grande sábio Adi Shankaracharya apresenta uma analogia que pode nos ajudar a entender melhor o que significa quando um ser realizado parte. Adi Shankaracharya diz:

Quando um pote de barro é quebrado, o espaço dentro dele torna-se um com o espaço ilimitado do lado de fora. Da mesma forma, quando a aparência exterior se dissolve, o conhecedor de Brahman torna-se o próprio Brahman.¹

Bade Baba é, foi e será para sempre um com a Consciência suprema que permeia nosso mundo. O corpo pode ser transitório; a *guru-shakti* não é. Por isso a presença de Bade Baba, e suas bênçãos, permanecem conosco de forma tão vibrante sessenta e cinco anos depois. (Para saber mais sobre por que, na tradição indiana e no caminho de Siddha Yoga, celebramos o *punyatithi* de um grande ser, recomendo que leia a exposição sobre esse tema que está no site.)

Quando penso em Bade Baba, especialmente na ocasião de seu *punyatithi*, minha mente com frequência evoca o belo poema de Gurumayi *Um Templo Sem Forma*. Nesse poema, Gurumayi fala sobre como o universo inteiro é o Templo de Bade Baba — e que podemos, por exemplo, receber o *darshan* de Bade Baba com a beleza da natureza. Fazer isso, explica Gurumayi, “é meditar de olhos abertos.”

Lembro-me do encanto que senti quando li esse poema de Gurumayi pela primeira vez. Ele expandiu minha compreensão de quem Bade Baba é e foi, assim como minha percepção do que a meditação Siddha Yoga poderia ser. É uma prática para a qual não precisamos nos afastar do nosso mundo. Podemos meditar neste mundo e em meio a ele; na verdade, nossa prática de meditação pode ser *inspirada* por ele. Em seu poema, Gurumayi dá muitos, muitos exemplos de coisas na natureza — e até mesmo coisas feitas pelo homem — através das quais podemos nos conectar com a presença de Bade Baba. Em todas essas coisas, podemos perceber uma Consciência subjacente, a própria energia que buscamos e nos empenhamos para acessar ao meditar.

Claro, pode ser preciso algum esforço para enxergar o mundo dessa forma. Ouvir o silêncio no som, reconhecer a calma que sustenta a atividade. Por essa razão, somos incrivelmente afortunados, pois, no caminho de Siddha Yoga, o Guru nos forneceu um meio direto para acessar essa percepção. Recebemos o mantra *Om Namah Shivaya*.

Bade Baba transmitia esse mantra aos buscadores que vinham até ele. Foi notoriamente por meio da outorga do mantra por Bade Baba que Baba Muktananda recebeu a iniciação *shaktipat*. Bade Baba ensinava que, entre os muitos frutos da repetição do mantra, estava a experiência da unidade — isto é, a unidade com Deus, a unidade com o Guru, a unidade entre os mundos exteriores e dentro da própria pessoa.

O que eu amo no *mantra japa* é ser uma prática que podemos realizar praticamente em qualquer lugar. E é, muitas vezes, quando levo o mantra *comigo*, por assim dizer — quando me lembro dele e o repito, ao longo do meu dia a dia — que tenho vislumbres dessa unidade de que Bade Baba fala. Estou pensando, por exemplo, em como Gurumayi nos incentiva a fazer caminhadas de *japa*. Ela até nos convidou a fazer uma caminhada de *japa* com *ela* no site do caminho de Siddha Yoga! Eu percebo que, enquanto caminho e repito o mantra silenciosamente para mim mesma, com o tempo começo a sentir como se o mantra emanasse de toda parte *e* de lugar nenhum. Está nas árvores que se agitam ao vento. Está na luz do sol dançando na superfície da água. Está no som dos meus passos e nos batimentos do meu coração. Ele se revela em todas as inúmeras formas ao meu redor.

É libertador — não é? — que nossa prática espiritual não dependa de nosso ambiente estar sempre perfeitamente imóvel e silencioso. As escrituras indianas nos dizem que o próprio mundo surgiu de uma propulsão sonora, do som primordial *AUM*. Recentemente, aprendi com Gurumayi que até flores emitem sons quando florescem. A frequência desse som está além da que podemos ouvir apenas com nossos ouvidos, mas ainda assim, está lá. Em algum nível, ela ressoa. Esse é um conhecimento maravilhoso e inspirador para se ter em mente na ocasião do Punyatithi de Bhagavan Nityananda, enquanto olhamos ao nosso redor e nos lembramos de que tudo isso é a morada de Bade Baba, seu Templo, o sem forma manifestado em miríades de formas.



© 2026 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.

¹ *Viveka-chudamani*, verso 565; Tradução para o inglês © 2026 SYDA Foundation®.